

A velhice na periferia do Capital

Priscila Pazos

[Fisioterapeuta. Doutora em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

Envelhecer no Brasil, analisando a partir de uma lente do materialismo histórico, nos permite enxergar um mundo em que pessoas mais velhas são marcadas pelas diferenças sociais que atravessam gerações.

Através de uma perspectiva sociológica e crítica entendemos que esse processo é um grande acumulado de experiências, oportunidades, opressões e privações.

Em decorrência dessas condições, é uma etapa da vida que não pode e nem deve ser definida somente a partir de critérios biológicos baseados no avançar da idade, mas é resultado de uma produção social determinada pela divisão de classe.

Nessa visão, a velhice é uma expressão da questão social, na qual o corpo de uma pessoa idosa é um território de classe, associada à raça, ao gênero entre outras questões que perpassam pela vivência de um indivíduo.

A lógica do Capital para essa etapa da vida é a seguinte:

o sujeito, à medida em que tem a sua capacidade laboral diminuída pela idade, passa a ser um sujeito de menor valor.

Logo, na relação entre o envelhecimento e o trabalho, aqueles sujeitos que se atrevem a viver por mais de 60 anos convivem com múltiplas precarizações por gerações.

Há de se pensar que a precariedade do trabalho, condições inadequadas de vida e saúde, são fatores que dentre outros, integram os desafios do envelhecimento e aprofundam o apagamento social da pessoa idosa.

A cena política para a pessoa idosa revela uma dupla condição: se de um lado há um arcabouço jurídico robusto com o Estatuto da Pessoa Idosa, por outro lado, esses sujeitos estão esvaziados de proteção social estatal.

À conjuntura de desvalorização, soma-se a redução dos direitos sociais com a Reforma Trabalhista e a Nova Previdência, sendo uma dupla penalização geracional. Se não compreendermos quem são os indivíduos que envelhecem e como eles envelhecem, ficaremos na abstração jurídica.

O corpo do trabalhador mais velho se faz cada vez mais presente no mundo do trabalho e essa continuidade não decorre de uma única escolha, mas de uma necessidade financeira e da inexistência de alternativas efetivas de proteção social.

Assim, o envelhecer na periferia do Capital, converte os “sujeitos de menor valor” a conviver com uma velhice sucateada, voltada à mera subsistência.

Para agravar, vivemos a “nova fase” do idadismo digital.

A partir de uma digitalização abrupta de serviços, pessoas idosas estão sendo deixadas de lado, sendo relegadas, por exemplo, em situações de analfabetismo funcional e digital.

Ao exigir ações 'apenas pelo app', essa face do capital cria uma barreira entre o cidadão idoso e seus direitos, inclusive para continuar trabalhando, para acessar cadastros nacionais, fazer as consultas ao INSS, resolver questões bancárias e até mesmo para acessar um serviço de saúde on-line.

O resultado é uma avalanche de ansiedade, estresse, abandono que promove um afastamento da própria tecnologia, exclusão e a negação dos direitos das pessoas idosas.

Lembro-me do filme “Eu Daniel Blake”, onde o personagem morre em meio a um processo de estresse e humilhação burocrática e tecnológica enquanto lutava para conseguir um auxílio saúde/aposentadoria.

Em última análise, a velhice da classe trabalhadora não representa o *otium* (tempo de descanso), configura-se como uma etapa de exaustão acumulada, em que a necessidade de vender a força de trabalho persiste até o limite.

Isso nos permite afirmar que, na periferia do Capital, o direito à velhice plena é um privilégio para poucos.

■ ■ ■

JUNHO VIOLETA - MÊS DE CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA

RESPEITAR AS TRAJETÓRIAS DE VIDA É RESPONSABILIDADE DE TODA A SOCIEDADE.

DENUNCIE VIOLAÇÕES DE DIREITOS DAS PESSOAS IDOSAS. DISQUE 100.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical e do Grupo de Estudos MultiVisat. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.